

CAPÍTULO 8

ANIVERSÁRIOS DEMAIS

À tarde, tia Nená ligou o rádio na hora do “Efemérides”. Era o último capítulo da série Feliz Aniversário. De manhã ela assara várias formas de pão de ló, que montou em camadas unidas pelo recheio. As laterais do bolo recheado haviam sido aparadas com uma faca, e as sobras, reservadas. Agora cuidava da cobertura. Estava quase tudo pronto para a festa. Paulo chegaria a tempo? Ele sempre chegava.

Pouco antes de começar a narração, a decoração do bolo de aniversário estava terminada, e tia Nená foi guardá-lo em seu próprio quarto, que trancou a chave, para evitar um eventual assalto na madrugada.

Três das crianças já estavam em suas posições. O gato também, hoje dormindo no colo de Fernando. Francisco não apareceu na cozinha naquela tarde. Desde que voltara da escola estava em seu quarto, onde também almoçara. Rita havia subido para falar com ele, mas ele a pôs para fora. Alegou que tinha muito dever de escola para fazer.

De volta à cozinha, tia Nená lambuzou as aparas de bolo com restos do glacê, e as dividiu entre os sobrinhos. Tirou o avental, puxou uma cadeira e se sentou à mesa.

Nisso, inesperadamente, entrou Francisco, recebido pela tia com um sorriso contente. Ele deu a volta à mesa e tomou seu lugar. A tia lhe passou aparas de bolo.

Os acordes que introduziam a última história soaram. Para encerrar a série, o apresentador contaria a história de uma menina que em matéria de gostar de aniversários era o exagero em pessoa. Nossa pequena plateia se dispunha a escutar. E ele começou a contar.

Tudo quanto era aniversário a menina comemorava:

aniversário do gato, aniversário do cachorro,

dos dois periquitinhos da gaiola.

Sem contar os aniversários dos pais,

de seus dois irmãos mais velhos e dos primos,

dos amiguinhos e de quem quer que fosse.

Além dos aniversários dela, é claro.

Depois passou a comemorar

o aniversário das coisas inanimadas.

“Mamãe, quando foi mesmo

que você ganhou esta televisão?”

“Papai, depois de amanhã não vai fazer um ano

que você comprou o carro novo?”

Depois passou a comemorar as datas de eventos

como o aniversário do primeiro brinquedo que ganhou,

o do seu primeiro dia na escola,

o da primeira viagem de avião nas férias da família.

Inventava uma efeméride atrás da outra.

“Essa menina só pensa nisso.
Está virando mania”, comentou o pai, preocupado.
“Não fale assim, querido.
Se alguém ouve, o que não vai pensar?
O que ela precisa é ganhar um novo irmãozinho.
Para se distrair”, sugeriu a mãe.
“E ter mais um aniversário em casa?”, zombou o pai.

A menina foi se isolando cada vez mais.
Não brincava mais com os irmãos,
faltava às aulas,
só se interessava pelos amiguinhos quando a convidavam
para a festinha de comemoração de seus natalícios.
Quando ia à escola, não fazia os deveres de casa.
Só pensava em aniversários.
“Que obsessão!”, disse o pai, desanimado,
“O que foi que fizemos de errado?”
Em casa, a paciência com a menina se esgotava.
Era fato que ela não incomodava ninguém.
Ela fazia tudo sozinha, no seu cantinho.
Mas ter que ouvir a toda hora
ela cantar o “Parabéns pra você”
foi dando um certo desconforto.
“Espero que ela não ponha fogo na casa,
com tanta velinha acesa...”, preocupou-se o pai.
A menina tinha um quarto só para ela,
mas aos poucos o cômodo ficou pequeno,
insuficiente para abrigar suas coleções aniversariais.

O pai inventava palavras novas
para melhor descrever a mania da menina.
A menina colecionava uma infinidade de discos
com gravações em todos os ritmos e vozes
da canção “Parabéns pra você” .
E em todas as línguas e versões que conseguia encontrar.
Passava horas pesquisando na internet,
fazia encomendas pelo correio,
pedia para os tios em viagem trazerem do exterior.
Sua coleção incluía gravações em inglês
de “Happy birthday to you” ,
canção original norte-americana,
da qual a nossa “Parabéns pra você” é uma tradução.
Mas não era só.
A coleção incluía traduções e adaptações
feitas para as mais diversas línguas do planeta.
De tanto ouvir as gravações, ela aprendera a cantar
em todas estas línguas:
em italiano: Tanti auguri a te,
em alemão: Alles Gute zum Geburtstag,
em espanhol: Cumpleaños feliz,
em catalão: Felicitat aniversari,
em francês: Joyeux anniversaire,
em russo: С Днем Рождения ,
em hebraico: יום הולדת שמח ,
em grego: Χαρούμενα γενέθλια ,
em esperanto: Naskotagon feliĉan,
em árabe: ببيطتنا و دنس لك ,

em iorubá: Ọjọ̀ ìbí alááyò,
em mandarim: 生日好,
em húngaro: Boldog születésnapot kívánok,
em japonês: 誕生日おめでとう,
em polonês: Sto lat, sto lat, niech żyje, żyje nam,
em albanês: Urime per ditelindje,
na língua do pê: Pepa-pera-pebéns pepra pevo-pecê,
e em muitas outras línguas mais.

A coleção de velas de aniversário abarrotara
todas as gavetas da cômoda,
obrigando a mãe a improvisar duas ou três araras
para pendurar as roupas desalojadas.

As lembrancinhas de aniversário se amontoavam
embaixo da cama, nos cantos e nas estantes,
de onde os livros foram pouco a pouco expulsos
para os quartos dos irmãos.

Felizmente as fotografias das festas
eram tiradas com câmera digital
e ficavam armazenadas no computador.

Em papel, tomariam conta do pouco espaço
que ainda sobrava na casa.

A família teria que se mudar para dar lugar às fotos.

Numa manhã que parecia pouco auspiciosa,
o pai entrou na cozinha e encontrou a mulher chorando.

“Não é nada”, ela respondeu
a uma pergunta dele sobre o choro dela.

“Estava descascando cebola.”

“Mentira”, ele retrucou,
“você estava descascando pepino.”
“Hum!”, ela reagiu sem reagir.
“E por falar em descascar pepino,
nossa filha aniversariadeira”,
ele sorriu com seu neologismo,
“acabo de vê-la no quintal,
debaixo da mangueira, fazendo vaquinhas de manga.”
“Então foi por isso que ela veio pegar o paliteiro.”
“É isso aí. Faz as pernas e o pescoço com palitos.”
“Ainda bem. Ela descobriu um novo brinquedo.
Eu temia que os palitos fossem usados
para mais uma de suas festinhas infernais de aniversário.”
“Não se engane com falsas conclusões, mulher.
Ela já fez um bolo de lama, redondo.
Quando terminar de montar as vaquinhas de manga,
com certeza vai comemorar o aniversário do bezerrinho.”
“Oh!”, choramingou a mulher,
descascando mais uma cebola, isto é, mais um pepino.
O marido abraçou a mulher solidário e confessou:
“Essa menina ainda acaba nos matando”.
O que ele nem desconfiava é que a menina,
muito pelo contrário,
acabaria por salvar a família.

Aconteceu de o pai perder o emprego
e a família ficou em sérias dificuldades.
O pai saía de manhã e procurava trabalho.



Mas retornava à noite de mãos abanando.
Ninguém tinha um emprego para lhe dar.
Não conseguindo emprego fixo,
passou a viver de bicos.
Um dia, servia bebidas numa festa de criança.
Fazia as vezes de garçom contratado por um dia.
Ele se deu conta de que alguém devia ganhar um bom dinheiro
organizando festinhas de aniversário como aquela.
Por que não podia ser ele o organizador
e embolsar o lucro todo?
Afinal, ele não tinha em casa
a pessoa que mais entendia de aniversários?
A menina aniversariadeira?

Assim nasceu uma nova empresa na cidade.
Sucesso imediato.
Clientes muito satisfeitos.
Lucros crescentes no banco.
Quase não dão conta dos pedidos de festa.
Toda a família participa feliz do empreendimento.
O pai gerencia,
a mãe dirige a cozinha,
os filhos mais velhos ajudam
em tudo que suas idades permitem.
E a filha aniversariadeira cuida dos projetos de festa.
Esbanja conhecimento e criatividade.
Ninguém é páreo para ela na matéria.
Nasceu com talento para a coisa.

Desde então, naquela casa festeira,
a família inteira, unida,
só pensa em aniversários.

Ao final da história Luísa disse que tinha uma ideia. A família ficaria rica em pouco tempo.

— A gente podia fazer como eles. Vamos montar um serviço de festas de aniversário. Papai toma conta do negócio, titia faz os doces. Eu ajudo a espetar os cravinhos nos beijinhos.

— Eu canto “Parabéns pra você” em todas as línguas — propôs Fernando.

— Eu tiro fotografia das festas — sugeriu Rita.

— Eu estou fora. Enchi — reagiu Francisco.

— E a nossa festa? — insistiu Rita.

— Fica inteirinha para vocês — respondeu ele antes de sair apressado da cozinha.

Ninguém esperava aquela reação, não naquele momento em que todos pareciam se divertir com o caso dos aniversários demais.

Será que a história do ladrão de aniversário estava se repetindo?, pensou tia Nená. Não do mesmo jeito, mas como uma cópia modificada. Até a história da humanidade, história com agá maiúsculo, quando se repetia, acontecia como farsa, nunca era igual.

Francisco agia como uma espécie de ladrão de aniversário para marcar sua posição contrária à dos irmãos?

Talvez ele não quisesse inviabilizar a festa, como acontecia com o ladrão de aniversário, mas deixar claro seu desagrado por ser tratado como criança, que ele acreditava não ser mais. Comportava-se daquele modo para mostrar que era diferente?

Era uma pena, mas não havia nada que ela pudesse fazer, era responsabilidade demais. Ainda bem que o pai deles estava para chegar. Ele resolveria.